



REP's - Revista Even. Pedagógica.

Número Regular: Sociolinguística(s), linguagens e sociedade

Sinop, v. 11, n. 2 (29. ed.), p. 369-386, ago./dez. 2020

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

PRECONCEITO CONTRA IDOSOS:

práticas, crenças e formas de superar

PREJUDICE AGAINST ELDERLY:

practices, beliefs and ways to overcome

Aureir Alves de Brito

Ana Lúcia Ponciano Ribeiro

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar preconceitos vivenciados pelos idosos nos espaços da sociedade. Para esse estudo foi adotada a pesquisa qualitativa com coleta de dados, por meio de entrevistas realizadas com pessoas de terceira idade, na cidade de Sinop, Mato Grosso. Faz-se ainda considerações sobre os dados e teorias em relação aos idosos, baseando-se nos princípios dos autores: Pinski, Scortegagna, Leme, Goldani, Borges, entre outros. Conclui-se que o ageísmo está inter-relacionado com outras formas de preconceito e estruturas sociais profundas. Entende-se, assim, que deve haver políticas públicas e pesquisas com intervenção direta para superação do ageísmo.

Palavras-chave: Letras. Educação. Ageísmo. Idosos. Pesquisa Qualitativa.

ABSTRACT

This work investigate prejudices experienced by the elderly in society. For this study, qualitative research with data collection was adopted, through interviews with elderly people, in the city of Sinop, Mato Grosso. It also discusses data and theories about elderly, supported by these authors: Pinski, Scortegagna, Leme, Goldani, Borges, among others. It concludes that ageism is interrelated with other forms of



prejudice and deep social structures. It is understood, therefore, that there must be public policies and research with direct intervention to overcome ageism.

Keywords: Modern Languages. Education. Ageism. Elder. Qualitative Research.

Correspondência:

Aureir Alves de Brito. Graduado em Licenciatura Plena em Letras – Inglês/Português (UNEMAT), Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras - Estudos Linguísticos e Literários (PPGLetras), (UNEMAT). Integrante do Grupo de Pesquisa Educação e Estudos de Linguagem (GEDEL- UNEMAT). Integrante do Projeto de Pesquisa Leituras Urbanas e suas materialidades discursivas socioambientais no Norte do Mato Grosso - (Leituras). Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: aureirbrito@hotmail.com

Ana Lúcia Ponciano Ribeiro. Graduada em Licenciatura Plena - Inglês/Português (UNEMAT). Especialista em Metodologia de Ensino Língua Portuguesa e Literatura - (FAEL). Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: anaponci@hotmail.com

Recebido em: 10 de junho de 2020.

Aprovado em: 1 de setembro de 2020.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/4035/2797>

1 INTRODUÇÃO

Há várias formas de preconceito. Nas sociedades ocidentais, as formas históricas do preconceito contra os negros, mulheres, Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, *Queer*, Intergênero (LGBTQI), ganharam notoriedade nas últimas décadas pelo fato de estarem mais organizados, desde grupos de estudos acadêmicos, movimentos sociais, até mesmo na política. São grupos mais visíveis, por assim dizer, pelo fato do engajamento historicamente organizado. Isso nos conduz a pensar que seus problemas estão sendo resolvidos.

No entanto, pode-se afirmar que as políticas públicas para a resolução desses preconceitos andam a passos lentos; ainda mais na conjuntura mundial, na qual governos mais à ala direita estão assumindo o poder político, no Ocidente, com o negacionismo dessas formas de preconceito. É nessa conjuntura que apresenta-se este estudo: procurando entender o funcionamento de um outro preconceito mais acobertado pelas formas de poder, o ageísmo (preconceito contra idosos), tanto teoricamente, quanto com pesquisa de campo.

Pensando pragmaticamente, o envelhecimento é um fenômeno, algo inevitável no processo do ciclo de vida do ser humano, que tem se tornado cada dia mais presente na nossa sociedade contemporânea. Assim, os preconceitos com mais visibilidade, como o racismo e o sexismo, se diferem do ageísmo pelo fato de que a tendência é que todas as pessoas participem dessa faixa etária, e que poderão sofrer os mesmos preconceitos que ora desferem aos idosos, ainda que veladamente.

O mundo em geral, e o Brasil, de forma particular, está envelhecendo. Para comprovar/evidenciar, trazemos alguns dados recentes. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018) mostra que a população brasileira com 60 anos de idade ou mais cresceu 26% entre 2012 e 2018 e o grupo etário de 0 a 14 anos diminuiu 6% no mesmo período. Diante desses fatos, avalia-se que em 2060 a taxa da população com 65 anos ou mais atingirá 25,5% (58,2 milhões de idosos), sendo que essa proporção em 2018 chegou a 9,2% (19,2 milhões). Enquanto isso, os jovens (0 a 14 anos) deverão representar 14,7% da população (33,6 milhões) em 2060, frente a 21,9% (44,5 milhões) em 2018.

O número de pessoas idosas está crescendo; entretanto, a sociedade brasileira ainda não está preparada para este fato. Ainda que o aumento da população idosa seja marcante, a figura social da velhice é manifestada de forma negativa, que designa o 'velho' como incapaz e inútil pela visão da estereotipia. Os idosos, em algum momento das suas vidas, tendem a ser vítimas de preconceito devido às crenças a respeito da faixa etária. Isso ocorre, principalmente na sociedade brasileira, por dois fatores combinados, que constituem grande parte da causa do ageísmo: a ideologia do trabalho no capitalismo e a indústria cultural.

Na sociedade capitalista, as pessoas que dependem da sua força de trabalho, essas constituem a maior parte da população, ao chegarem em idades em que sua produtividade tende a cair, são 'descartadas' – ou ainda 'bonificadas', como diriam os políticos a favor da atual reforma da previdência, com a aposentadoria. E isso é muito malvisto entre as pessoas que ainda tendem a ter produtividade mais alta. Para enredar essas crenças, novelas, filmes, desenhos animados, peças publicitárias, etc., apresentam, na sua maioria, os idosos com reforçamento negativo e positivo: de um lado, representam-nos como pessoas incapazes, doloridos, rabugentos; de outro, os representam como sábios, inocentes, etc.

Destarte, torna-se, incessantemente, mais necessário o debate sobre essa forma de preconceito para desfazer as crenças estáticas, tentando evidenciar, na concretude, como pensam e vivem os idosos. Por isso, esta pesquisa, tem como objetivo entender como esse processo de estereotipia ocorre em regiões mais interioranas, mais especificamente, ao norte do Brasil, no espaço que costumou a ser chamado o 'Portal da Amazônia'. Com entrevistas feitas na cidade de Sinop, Mato Grosso (MT), a quatrocentos e setenta e oito quilômetros e novecentos metros de Cuiabá, a capital do estado. Neste cenário, esta pesquisa se vincula aos pressupostos do método de pesquisa qualitativa, com coleta de dados, utilizando entrevista semiestruturada, com quatro idosos que residem no município de Sinop para investigar se/como sofreram ou presenciaram algum tipo de preconceito devido a idade.

Neste trabalho, além disso, apresentam-se algumas pesquisas e experimentos no intento de superação do ageísmo. Assim, este artigo foi organizado em tópicos, que tratarão dos seguintes assuntos: aspectos sociais da velhice; concepções de preconceito, ageísmo/idadismo e os estereótipos intrínsecos à velhice; materiais e análise de dados; formas de superação do ageísmo.

2 ENTENDENDO O AGEÍSMO/IDADISMO: teorias e dados

Nas últimas décadas, a demografia brasileira tem sofrido várias mudanças, essencialmente no que tange à inversão da pirâmide etária, posicionando os idosos em maior número. Segundo dados do IBGE (2019), um dos fatores que tem contribuído para essa mudança advém da queda da taxa de fecundidade. Conforme a tabela a seguir, os autores Araújo Junior, Salvato e Queiroz (2013) evidenciam, com base nos estudos do IBGE realizados entre 1940 e 2010 no Brasil, como a taxa de fecundidade está em queda, principalmente em regiões mais interioranas.

Tabela 1 – Taxa de fecundidade por ano e região no Brasil

Regiões	1940	1950	1960	1970	1980	1991	2000	2010
Brasil	6,2	6,2	6,3	5,8	4,4	2,9	2,3	1,86
Norte	7,2	8,0	8,6	8,2	6,4	4,2	3,2	2,42
Nordeste	7,2	7,5	7,4	7,5	6,2	3,7	2,6	2,01
Sudeste	5,7	5,5	6,3	4,6	3,5	2,4	2,1	1,66
Sul	5,7	5,7	5,9	5,4	3,6	2,5	2,2	1,75
Centro-Oeste	6,4	6,9	6,7	6,4	4,5	2,7	2,2	1,88

Fonte: ARAÚJO JUNIOR, SALVATO, QUEIROZ, 2013

A explicação, para os autores, se deve ao fato da baixa formação escolar e faixa de renda. Afirmam, ao longo do trabalho, com vastas evidências estatísticas, que a diminuição da taxa de fecundidade está relacionada à baixa renda e menor escolaridade. Enquanto, em faixas de renda maiores, as mulheres tendem a ter menos filhos e mais tardiamente, nas faixas menores, ocorre o processo inverso – com filhos, inclusive, concebidos na adolescência –, e existem mais filhos por família. Ainda assim, a proporção, entre os mais pobres, diminuiu em relação às últimas décadas.

Outro motivo relevante para esse fenômeno é o avanço das melhorias na saúde, como também as descobertas de novas substâncias na área da farmacologia, que possibilitam o prolongamento da vida (FLORES; BENVENEGNÚ, 2008). Sabe-se que a vida no final da Idade Média, por exemplo, chegava-se a 60-70 anos de idade quando as pessoas atingiam a fase adulta. Não se pode confundir isso com expectativa de vida, pois a taxa de mortalidade infantil naquele período era altíssima – e o sistema de medição da expectativa faz uma média aritmética desde as crianças até os idosos; o que prejudica saber a idade máxima. Na modernidade tardia, tem-se o avanço tecnológico ao dispor, e isso influenciou na elevação da idade máxima da população ocidental.

Segundo as Tábuas Completas de Mortalidade, do IBGE (2019), a expectativa de vida ao nascer em 1940 era de 45 anos; e em 2018, essa estimativa passou para 76,3 anos. A projeção da população idosa continua crescendo e a expectativa de vida para quem nascer em 2060 poderá chegar à média de 81 anos de vida. A expectativa de vida aumentou 30,5 anos desde a primeira pesquisa

demográfica. Nesse sentido, Veras (1995, p. 224) diz que “[...] o Brasil é um país jovem de cabelos brancos [...]”.

2.1 Aspectos sociais da velhice

A sociedade ocidental estabelece imperativos de agilidade de produção na modernidade/contemporaneidade. O idoso pode apresentar algumas dificuldades ou pequenas limitações por questões biológicas, mas isso não quer dizer que seja incapaz de realizar tarefas ou tomar decisões sobre si. Porém, na conjuntura social dada, o idoso é considerado como um incômodo, por não desenvolver as atividades na maneira e na velocidade que a juventude julga ser mais adequada e correta (SCORTEGAGNA, OLIVEIRA, 2012).

Nesse sentido, Silva afirma que (2003, p. 110) “[...] a urbanização e a industrialização acentuaram as desigualdades que, associadas aos preconceitos e estigmas, vêm demonstrando que as experiências acumuladas durante a vida não estão sendo aceitas pelos mais jovens.” Nesta concepção, o envelhecimento é considerado prejudicial, pois comumente é associado a características negativas e preconceituosas, estabelecendo que a população idosa não tenha valor significativo nas ‘trocas sociais’. A esse respeito, Costa (1998, p. 41) designa “[...] que isto é como se o indivíduo não pudesse fazer mais nada pela sociedade.” Segundo Beauvoir (1990, p. 265), “[...] é a classe dominante que impõe às pessoas idosas seu estatuto; mas o conjunto da população ativa se faz cúmplice dela.”

Em uma sociedade que é formada/constituída pelo poder de uma classe sobre outra – que busca o lucro de maneira desenfreada – o idoso frequentemente se apresenta como um impedimento no desenvolvimento, ignorando toda colaboração social que estes deram e ainda fornecem à produção de bens, serviços e conhecimentos. Todavia, cabe salientar que a velhice é uma fase da vida sinalizada pela dinâmica de crenças, atitudes e valores de cada sociedade.

2.3 Preconceito

O preconceito é uma realidade que sempre esteve presente nas relações humanas em grande parte da história da humanidade; entretanto, nos dias atuais,

pela facilidade de difusão da informação, são notórias várias manifestações preconceituosas relacionadas à cor, raça, gênero, classe social e tantas outras, que se apresentam de maneira assinalada e revestida de crueldade (LEME, 2014). Borges, Medeiros e Adeski (2009, p. 53) afirmam que o “[...] preconceito está enraizado em todas as culturas, e as relações que cada uma delas estabelece com as outras e muitas vezes justificando o tratamento desigual e a discriminação de indivíduos ou grupos.” Mezan, (1998 apud SILVA, 2003, p. 2) descreve que o preconceito é

[...] o conjunto de crenças, atitudes e comportamentos que consistem atribuir a qualquer membro de determinado grupo humano uma característica negativa, pelo simples fato de pertencer àquele grupo: a característica em questão é vista como essencial definidora da natureza do grupo, e, portanto, adere indelevelmente a todos os indivíduos que o compõem.

Nesse sentido, o preconceito é um pensamento que se formula a propósito de um grupo de indivíduos, de uma pessoa ou povo que ainda não se conhece. Refere-se, portanto, de um sentimento e julgamento que se adota imprudentemente, sem razão ou fundamento (BORGES; MEDEIROS; ADESKY, 2009, p. 53).

Ackerman e Jahoda (1969, apud MARTINS, 1998, p. 11) “[...] abordam o preconceito como atitude, ou seja, uma predisposição a esse comportamento que pode ou não ser concretizada, dependendo de uma série de fatores.” Além disso, Ackerman e Jahoda (1969, p. 27) destacam que o preconceito é “[...] atitude de hostilidade nas relações interpessoais, dirigida contra um grupo inteiro ou contra indivíduos pertencentes a ele.”

Todavia, esse assunto tem sido muito discutido por pensadores e filósofos de diferentes épocas que buscam compreender o fator gerativo do preconceito nas pessoas, dentre os diversos tipos de preconceitos presentes na sociedade. Dentre essas compreensões, situa-se o preconceito como uma atitude que engloba três componentes, o afetivo, o cognitivo e o comportamental, segundo Allport (1954, apud TEIXEIRA; SOUZA; MAIA, 2018, p. 133):

O componente afetivo vincula-se às emoções, de ordem positiva ou negativa, sentidas e expressadas frente a uma categoria social.

O componente cognitivo envolve estereótipos na forma de crenças e pensamentos generalizados a respeito de um grupo; assim, compreende um modo de simplificação das ideias que a pessoa forma do mundo. O componente comportamental é resultante de tais emoções e crenças; entretanto, manifesta-se no campo das intenções quanto a ações de um indivíduo. Nomeia-se discriminação o comportamento propriamente dito, a ação hostil e injustificada destinada aos membros de um grupo.

Nesse sentido, abordar-se-á as formas de preconceito com esses três parâmetros mais clássicos, e que estão no mesmo sentido dos autores supracitados, para poder incidir sobre a análise das entrevistas recolhidas pelos teóricos deste trabalho. A seguir, partir-se-á para a especificidade do ageísmo.

2.4 Preconceito etário: ageísmo/idadismo

Ageísmo provém do termo inglês *age* (idade) com o sufixo *ism* (ismo), que identifica formas de pensar, bem como crenças. O termo, classicamente, era uma definição de preconceito por faixas etárias: infância, adolescência, adulto, idoso. No entanto, passou-se a denominar, a partir da década de 1960, ageísmo como preconceito contra idosos pelo fato de ser o grupo social, entre as outras faixas etárias, mais peculiar pelo seu estatuto de inevitabilidade e, principalmente, pela crescente demonstração de preconceito nas atitudes e afetividades negativas em relação a eles (TEIXEIRA; SOUZA; MAIA, 2018).

O envelhecimento é inevitável, um processo natural do ciclo de vida que todo ser humano em algum momento poderá vivenciar. Todavia, a sociedade atual busca destacar a juventude, marcando o envelhecimento a uma situação de negatividade e descarte. (GOLDANI, 2010). Assim, a depreciação do 'velho' na sociedade está propriamente associada ao pré-conceito do idadismo.

A palavra idadismo, também denominada de etarismo ou ageísmo, é uma das formas de preconceito, que caracteriza negativamente a pessoa mais velha. Ainda que difundido é muito pouco estudado no meio acadêmico. Esse tipo de preconceito está muito presente no dia a dia em declarações gestuais ou verbais, principalmente pelos mais jovens. Agambem (2009, apud SOUSA et al., 2014) expõe que tais expressões preconceituosas não são ponderadas e analisadas por aqueles que as manifestam, visto que não se dão conta que também estão em processo de envelhecimento.

3 METODOLOGIA E ANÁLISE

A pesquisa foi amparada na abordagem qualitativa com coleta de dados, por meio de um questionário com questões semiestruturadas, para averiguarmos o preconceito vivenciado pelos idosos na cidade de Sinop-MT, bem como o seu posicionamento diante das atitudes preconceituosas nos diversos espaços em que eles convivem. Para esta pesquisa, foram elaboradas cinco questões organizadas a partir da leitura do texto **Quem gosta de velho é reumatismo!** do autor Luiz Eugênio Garcez, sobre o tema Preconceito contra os Idosos, contido no livro **12 Faces do Preconceito**, organizado por Jaime Pinsky (2014). Essas perguntas abordam aspectos relacionados à habitação com quem vivem, excesso de cuidado, relacionamento, autonomia, trabalho e sobre os direitos que os resguardam na sociedade.

Destaca-se que esta pesquisa é fruto de um grupo de trabalho que desenvolveu uma apresentação de seminário sobre o capítulo do referido livro para a disciplina de Diversidade e Variação Linguística, ministrada pela professora doutora Neusa Inês Philipsen, do Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Linguísticos e Literários (PPGLEtras), do campus universitário da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) de Sinop, MT. As entrevistas aqui apresentadas, bem como os dados, também foram apresentadas no referido seminário.

As entrevistas foram realizadas na residência dos participantes com a presença de um dos filhos, com duração média de 20 a 30 minutos. Destaca-se que suas identidades foram protegidas, por questões éticas de decisão em conjunto com os participantes, e foram nomeados como P1, P2, P3, P4 – Participantes (P) enumerados (1, 2, 3, 4). Todos os participantes foram informados das anotações e transcrição dos conteúdos e da gravação registrada pelo aplicativo e-Dictate – Speech To Text & Translator, e transcrita de forma fidedigna, para posterior análise dos dados. Desta forma, salienta-se que, pelo viés da pesquisa, conforme Bortoni-Ricardo (2008, p. 61), compete ao pesquisador:

[...] reunir registros de diferentes naturezas, por meio de entrevistas, fotos, gravações e outros tipos de observações diretas, informações que, posteriormente, devem ser comparadas e cruzadas, confirmando a validade

ou não dos aspectos levantados, o que possibilita a construção ou validação de uma teoria.

Por intermédio da entrevista, há possibilidade de acesso de informações que a pesquisa bibliográfica não consegue contemplar.

3.1 Perguntas e respostas: traçando perfis e análise do preconceito

Essa pesquisa foi realizada com quatro participantes: dois do sexo feminino e dois do sexo masculino, residentes nas regiões central e periférica da cidade de Sinop-MT, com idades acima de 70 anos, casados, viúvos(a) e divorciados(a) e com escolaridade equivalente ao ensino fundamental incompleto/não escolarizado. Dentre os quatro participantes, apenas um (P1) continua exercendo a profissão. Isso marca o perfil de nossos entrevistados, a saber, trabalhadores de classes menos abastadas, que são justamente onde se pretende incidir nesta análise, levando em consideração a questão da classe social e escolaridade.

Tabela 2 – Dados demográficos dos participantes da pesquisa

Participantes	Idade	Estado civil	Escolaridade	Profissão	Situação atual
P1	75	Casado	Fund. Incompleto	Encanador	Aposentado
P2	73	Divorciado	Não escolarizado	Pedreiro	Aposentado
P3	76	Viúva	Não escolarizada	Trab. rural	Aposentada
P4	71	Divorciada	Não escolarizada	Artesã	Processo de aposentadoria

Fonte: Acervo pessoal (2019)

Uma breve observação nos permite perceber que a maioria não é escolarizada. Além disso, todos tiveram ou têm laços matrimoniais. Quase todos estão aposentados, com exceção da P4. Percebe-se, também, que embora tenham profissões mais ligadas à urbanidade, ao contarem suas histórias, relataram que vieram do campo. Outro dado importante é que todos possuem casa própria, que adquiriram com os esforços de seus trabalhos, e residem nelas com seus filhos.

Abaixo, far-se-á uma relação de parte das perguntas e respostas dos entrevistados nesta tabela¹:

Tabela 3 – perguntas e respostas dos entrevistados

Perguntas Entrevistados	1. Alguma vez já sofreu preconceito?	2. Já presenciou frases do tipo: Isso é coisa de idoso(a)! Ele ou ela está muito velho(a) para isso! Coitadinho(a) está velho(a)!
P1	Nunca percebi.	No trabalho.
P2	Sim. Meu filho diz que estou caduco, que não sei de nada. Fala pra mim ficar quieto.	Na minha casa sempre vejo eles falar. Acha que não consigo fazer mais nada.
P3	Não. Sempre me respeitam.	Meus familiares falam brincando.
P4	Nunca sofri. Meus filhos me ajudam muito.	Comigo não. As pessoas me respeitam.

Fonte: Acervo pessoal (2019)

É importante destacar que P2 destoa bastante do resto dos entrevistados. Observa-se que o lar é o lugar onde mais ele percebe e sente nos atos da sua prole o preconceito contra suas capacidades de falar e fazer as coisas diárias. P1 também percebe as frases típicas no seu trabalho, que, como dito anteriormente, continua trabalhando, ainda que aposentado. Neste último entrevistado, há uma contradição de respostas entre as duas perguntas. A segunda pergunta foi feita exatamente porque a primeira estava genérica, e poderia fazer com que o entrevistado divagasse. Assim, a segunda poderia ser uma sub-pergunta verificadora de validade das respostas da primeira, tendo em vista que as frases utilizadas na segunda são qualificadoras da primeira pergunta. A resposta “nunca percebi” também revela a falta de noção do que seria o preconceito pelo fato de ele ser idoso, visto que, na segunda resposta, ele diz que já ouviu uma das frases referidas desferidas contra si. Percebe-se, assim, que este participante, P1, desconhece as formas de preconceito contra o idoso, e não reconhece as frases ditas na pergunta como preconceito.

Cabe salientar que os dois primeiros entrevistados são homens, e as duas últimas são mulheres. E o gênero influência, de algum modo, como percebem ou

¹ Preserva-se as falas originais dos entrevistados participantes, sem nenhuma correção gramatical padrão.

não o preconceito. Vê-se que as duas últimas dizem que nunca sofreram, sem hesitação; embora, a P3 diga que os familiares brincam sobre as frases, e não as desferem contra ela. Esse recurso é conhecido na psicanálise como chiste, ou seja, um tratamento cômico com algum efeito da linguagem, uma brincadeira com a própria linguagem, de como ela é jocosa, e não consegue compreender os fenômenos. Slavoj Žižek (2010) afirma que o chiste (a brincadeira como gozação da linguagem), nesse sentido, tem uma fórmula resolutiva dos problemas e que não seria nem sintoma nem a causa do problema, mas uma das resoluções que podem ser encontradas pelas pessoas para superarem processos traumáticos, ou externalizar processos incompreensíveis. Pode-se dizer, assim, que o ageísmo contra mulheres, nesta pequena amostra, por meio destas perguntas, não é realizado ou é imperceptível, e até mesmo pode ser realizado no seu aspecto resolutivo do chiste, até essas duas perguntas.

A pergunta 3 foi sobre se os participantes sabiam dos seus direitos como idosos. Todos responderam que sabiam, mas seus exemplos foram apenas de práticas básicas dos direitos dos cidadãos idosos contidos no Estatuto do Idoso (2003), tais como: preferência em filas, estacionamento, transporte coletivo, medicamentos, atendimento em serviços públicos. Assim, entende-se que, nas suas práticas cotidianas, apesar do baixo ou nenhum estudo formal, conseguem se estabelecer por meio de seus direitos.

Isso demonstra que o convívio com outras faixas etárias, em espaço fora de casa, em que há consolidação de políticas públicas, o preconceito tende a ser redimido ou dissipado. Percebe-se, assim, que as políticas públicas mínimas de preferência voltadas para os idosos têm surtido efeito positivo no sentido de eles conhecerem seus direitos e usufruírem deles. Aí funciona, também um elemento pedagógico para a sociedade de forma geral. Ao verem que o idoso tem preferência nos estabelecimentos, as pessoas têm de ter entendido, por suposto, que os idosos são abrigados pela lei.

Isso pode resultar formas negativas, no sentido de as pessoas pensarem que isso é superproteção desnecessária do Estado. O preconceito pode residir de forma tácita, com olhares negativos, afasia, mas não que pode ser dito, pois há uma produção de consenso por meio da lei de que as pessoas, de modo geral, através das forças políticas que elegeram para comandar o Estado, querem que os idosos

não sofram esse tipo de preconceito público. Para a resolução disso, acredita-se que pesquisas como esta ajudam a entender como isso funciona, mas experimentos indicam que o convívio com faixas etárias distintas inibe a formação do preconceito na crença, o que impede que parta para atos de violência.

Pesquisadores da universidade estadunidense de Cornell publicaram, em agosto de 2019, resultados de intervenções práticas sobre o ageísmo na revista **American Public Health Association** (AJPH). As conclusões a que chegaram é que existem estudos de intervenções desde 1973 e que elas são realmente positivas no sentido de reduzir substancialmente o ageísmo.

Ageism has well-established negative effects on the physical and mental health of older people. Findings suggest that relatively low-cost, feasible strategies involving education and intergenerational contact can serve as the basis of effective interventions to reduce ageism (BURNES et al., 2019, p. 1).

Assim, os pesquisadores revelaram que intervenções com baixo custo e interação entre faixas etárias distintas promovem o debate acerca da idade (dificuldades, prazeres, etc.), fazendo com que os idosos se sintam bem fisicamente e mentalmente, fazendo com que os participantes não-idosos entendam como realmente funciona a vida de um idoso, sensibilizando-os. Por fim, os pesquisadores também entendem, dessa forma, que a estereotipia em relação aos idosos se deve em função de não haver vínculo afetivo e interação social mais que quaisquer outras coisas. A aproximação e a interação dissuadem o preconceito, portanto.

Já a quarta e última pergunta foi: Você passou por alguma situação em que foi privado de exercer o direito de escolha/decisões? As respostas foram estas:

P1 – Não. Sempre tomo minhas decisões e meus filhos me ajudam quando eu peço.

P2 – Sim. Meu filho faz tudo pra mim, fala que é perigoso e cuida do meu benefício.

P3 – Sim. Meus filhos cuidam de mim. Faz tudo pra mim, não faço porque não sei ler.

P4 – Quando eu tomo uma decisão, falo com meus filhos para saber a opinião deles. Às vezes eles não falam nada.

Nota-se que dois dos participantes, P1 e P4, não têm seus processos decisórios interrompidos, enquanto P2 e P3 os têm. Por sua vez, P1 não hesita ao exercer sua autoridade enquanto patriarca. Já P4 consulta os filhos. É perceptível

que entre os dois há a diferença de gêneros. Ao passo que o homem não é questionado nas suas decisões, a mulher idosa ainda carrega outro preconceito: contra a mulher – o machismo –, além do ageísmo. As crenças, em relação à mulher, são que, mesmo sendo a matriarca, ainda precisa consultar os filhos “pra saber a opinião deles”. Por outro lado, o homem não hesita.

Além disso, é perceptível que P2 e P3 têm intrusão nos seus respectivos processos decisórios. Enquanto o primeiro é totalmente tolhido do processo decisório, a segunda ainda tem a crença dos filhos como cuidadores. O primeiro atribui sentido de ‘tomar decisão’ como o benefício que recebe. Esse aspecto é muito interessante. Veja-se que ‘cuidar do benefício (do INSS)’ é um poder que lhe foi tirado. Há inúmeros casos em que idosos são considerados inaptos para cuidarem das suas próprias rendas. E isso, com toda certeza, recai no que Teixeira, Souza e Maia (2018) dizem sobre o preconceito em nível cognitivo e que atinge o nível comportamental. Atribui-se à crença uma pessoa real, em que não há comprovação lógica concreta de que aquilo que se pensa sobre ela exista. Além disso, nota-se que o rebaixamento da cognição do idoso é também um dos aspectos que marcam o preconceito contra o P2.

Como dissemos anteriormente, P3, é uma mulher idosa, recaindo sobre ela duas formas de preconceito. Ainda, como se não bastasse, ela não é alfabetizada. Nota-se, na fala dela, que sua dependência em relação aos cuidados dos filhos está intrinsecamente ligada ao saber ler. Ou seja, se soubesse ler, teria menos dependência dos filhos. Dados do IBGE de 2019 informam que pouco menos que 20% dos idosos ainda são analfabetos, inclusive, sendo o maior grupo, aquele com mais de 60 anos de idade, entre os analfabetos brasileiros. Isso se deve também ao fato de que muitos idosos não tiveram acesso à educação quando jovens, ou mesmo porque vieram do campo.

Portanto, é perceptível que o controle sobre a leitura da escrita formal e o controle sobre as questões financeiras ainda permanecem nas crenças dos idosos e das pessoas que os cercam em vida privada. Isso influencia suas visões de mundo e como controlam suas próprias vidas, dependendo dos filhos para tal. Assim, o ageísmo se mantém interligado com estruturas mais profundas da sociedade, que é o controle sobre o saber e o controle econômico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi entender como ocorrem os processos de estereótipos contra idosos na cidade de Sinop, interior de Mato Grosso, isso ocorreu por meio de entrevistas orais realizadas com quatro participantes. Entendeu-se que os processos intrínsecos que atravessam o ageísmo é distinto para mulheres e homens. Enquanto há mais hesitação, nas entrevistas, entre as mulheres para responderem sobre o preconceito que elas percebem, os homens parecem mais incisivos sobre suas decisões e controle sobre a própria vida nas primeiras perguntas – ainda que o P2, na sua última resposta, destaque que já sofreu preconceito ligado mais especificamente à questão da renda, como discutido anteriormente. Além disso, vê-se que a questão do analfabetismo é um forte componente atravessador das estereótipos com aos idosos. O controle sobre as decisões e o próprio processo de detecção do preconceito contra eles lhes é vedado.

No decorrer das entrevistas, identifica-se que, enquanto os espaços públicos proporcionam uma forma de preconceito menos visível, o espaço privado do lar é onde encontram-se as formas de preconceito mais visíveis. Compreende-se que isso ocorre pelo fator comportamental, derivado pela crença geral da afetividade e do fator cognitivo, como mencionado nas categorias de Teixeira, Souza e Maia (2018). A liberdade para incidir preconceitos contra os idosos em ambiente doméstico é muito maior do que em espaço público, porque aquele é um espaço menos vigiado, e comporta relações de intimidade afetiva, bem como processos de dependência. É notável, assim, que as políticas públicas para os direitos básicos de preferencialidade dos idosos como fatores positivos no sentido de inibir comportamentos preconceituosos. Já as políticas públicas de alfabetização são insuficientes, pois a relação, como se evidencia neste trabalho, entre saber ler e ter o controle das suas decisões está intrinsecamente ligada com o combate ao ageísmo.

Verifica-se, desse modo, que, entre os entrevistados, no espaço do lar, as relações de poder dos mais novos sobre os mais velhos se exercem com base no controle econômico e por desconhecimento da leitura formal escrita. Entende-se, assim, que isso ocorre nesse grupo pelo fato de o perfil ser de trabalhadores. Não

há espaços de diálogo concreto entre as distintas gerações. Há o dia a dia pesado do trabalho, as condições econômicas contundentemente mais detratoras na realidade dos trabalhadores. E isso contribui para que não haja espaço para lazer e conversas mais soltas sobre como passam os idosos.

Nesse sentido, além das políticas públicas de direito mínimo dos idosos, as pesquisas com intervenções que tomem a primazia pela interação entre diferentes idades se tornam efetivas. Ao demonstrarem que as interações fora dos espaços privados do lar são benéficas por desfazerem crenças afetivas, cognitivas e comportamentais (TEIXEIRA; SOUZA; MAIA, 2018, p. 133) sobre os idosos, cria-se espaços de vivência onde estas pessoas podem mostrar suas potencialidades e desarranjos sem maiores preocupações.

O verdadeiro desafio está em tornar isso política pública para a criação de espaços amplos para debate e vivência entre diferentes idades, ainda mais na conjuntura contundentemente avessa ao enfrentamento do preconceito que os grupos minoritários – neste caso, o dos idosos – sofrem. Portanto, é ainda mais necessário demonstrar, por meio de pesquisas-intervenções, que há soluções para os problemas ora expostos, e que dependem das forças políticas de Estado para o combate aos preconceitos ululantes vivenciados em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO JUNIOR, Ari F.; SALVATO, Márcio A.; QUEIROZ, Bernardo L. Desenvolvimento e fecundidade no Brasil: reversão da fecundidade para municípios mais desenvolvidos? **Repositório do Conhecimento do IPEA**, n. 41, p. 79-97, jul./dez. 2013. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4265/1/PPP_n41_Desenvolvimento.pdf. Acesso em: 03 dez. 2019.
- BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BORGES, E.; MEDEIROS, C. M.; ADESKY, J. **Racismo, preconceito e intolerância**. 7. ed. São Paulo: Atual, 2009.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.
- BUNRNES, David et. al. Interventions to Reduce Ageism Against Older Adults: A Systematic Review and Meta-Analysis. **Am J Public Health**, Washington, DC, v.

109, n. 8, ago. 2019. Disponível em:

<https://ajph.aphapublications.org/doi/10.2105/AJPH.2019.305123>. Acesso em: 03 dez. 2019.

COSTA, M. E. S. Aspectos biopsicossociais da velhice. *In*: COSTA, M. E. S. **Gerontodrama: a velhice em cena - estudos clínicos e psicodramáticos sobre o envelhecimento e a terceira idade**. São Paulo: Ágora, 1998. p. 39-54.

ESTATÍSTICAS SOCIAIS. Projeção da População 2018: número de habitantes do país deve parar de crescer em 2047. **Agência IBGE Notícias**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/21837-projecao-da-populacao-2018-numero-de-habitantes-do-pais-deve-parar-de-crescer-em-2047>. Acesso em: 2 dez. 2019.

FLORES, Vanessa B.; BENVENEGÚ, Luís A. Perfil de utilização de medicamentos em idosos da zona urbana de Santa Rosa, Rio Grande do Sul, Brasil. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 6, p. 1439-1446, jun. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csp/v24n6/24.pdf>. Acesso em 14 ago. 2020.

GOLDADI, A. M. Desafios do preconceito etário no Brasil. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 31, n. 111, p. 411-434, abr./jun. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302010000200007. Acesso em: 27 nov. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA IBGE – IBGE. **Tábuas completas de mortalidade**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9126-tabuas-completas-de-mortalidade.html>. Acesso em: 02 dez. 2019.

LEME, L. E. G. Quem gosta de velho é reumatismo. *In*: PINSKY, Jaime (org.). **12 Faces do preconceito**. 11. ed., 1. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

MARTINS; M. M. Reflexões sobre o preconceito – em busca de relações mais humanas. **InterAÇÃO**, Curitiba, v. 2, p. 9-27, jan./dez. 1998. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/download/7646/5451>. Acesso em: 27 nov. 2019.

PERISSÉ, C; MARLEI, S.: Caminhos para uma melhor idade. **Revista Retratos revista do IBGE**, Rio de Janeiro, n. 16, p. 19-25, fev. 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/24036-idosos-indicam-caminhos-para-uma-melhor-idade>. Acesso em: 28 nov. 2019.

PINSKI, Jaime (org.). **12 Faces do Preconceito**. São Paulo: Contexto, 2014.
SCORTEGAGNA, P.A; OLIVEIRA R.C. da S. Idoso um novo ator social, *In*: Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 9., 2012, Caxias do Sul. **Resumos [...]**. Caxias do Sul: UCS, 2012. Disponível em:

<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1886/73>. Acesso em: 28 nov. 2019.

SILVA, J. C. Velhos ou idosos. **A terceira idade**, São Paulo: SESC-GET, v. 14, n. 26, p. 94-111, jan. 2003. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/files/edicao_revista/c5ad9074-1094-4666-a8a6-fb15240f5ec9.pdf. Acesso em: 03 dez. 2019.

SOUSA, C. S. N. S. et al. Alguns apontamentos sobre o idadismo: a posição de pessoas idosas diante desse agravo à sua subjetividade, **Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 853-877, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/50435>. Acesso em: 29 nov. 2019.

TEIXEIRA, Selena Mesquita de Oliveira; SOUZA, Luana Elayne Cunha de; MAIA, Luciana Maria. Ageísmo institucionalizado: uma revisão teórica. **Revista Kairós: Gerontologia**, [S.l.], v. 21, n. 3, p. 129-149, set. 2018. ISSN 2176-901X. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/41448/27912>. Acesso em: 04 dez. 2019.

VERAS, R. P. País jovem com cabelos brancos: a saúde do idoso no Brasil. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 158-160, mar./jun. 1995. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701995000200014. Acesso em: 03 dez. 2019.

VIEIRA, R. S. **Estereótipos e preconceito contra os idosos**. 2013. Dissertação de Mestrado. (Mestrado em Psicologia Social) – Centro de Ciências de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão-SE, 2013. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/5953/1/RODRIGO_SENA_SILVA_VIEIR.A.pdf. Acesso em: 27 nov. 2019.

ŽIŽEK, S. **Como ler Lacan**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2010.